

amadora de *Outros Tempos*

Por *Alves Silva*
A HISTÓRIA

Nos últimos cinco anos temos vindo a abordar, semana-a-semana, um pouco desta Amadora de outras épocas, como as suas condições naturais, outrora com vales férteis, daí a ocupação humana, desde datas longínquas, desde a Pré-História à Romanização, cujas estações arqueológicas são testemunhos concludentes e atestam, sem dúvida, a antiguidade deste território.

OS MOUROS ESTIVERAM NA AMADORA

Essa presença está comprovada na própria toponímia, como, por exemplo, Alfragide e Alfomelos, do moçarabe al-fomer, o fomeiro, mas, igualmente pelas características saloias do território, mantidas até ao século XIX. A palavra saloio, como nos diz David Lopes e já algumas vezes referida nestas crónicas, resulta de çahroi (trabalhador ou habitante do campo) designação dada às pessoas dos arredores de Lisboa em tom depreciativo. Conquistada Lisboa por D. Afonso Henriques, foi concedida autorização aos moçárabes para habitarem nas terras do Termo, igualmente aos mouros forros, a quem foi concedido foral em 1170.



Praceta do Cerrado da Bica, um dos topónimos a recordar velhos tempos.

DOCUMENTALMENTE MUITO ANTIGAS

Surgem em 1220 referências documentais a Alfomelos e Falagueira, sendo, por isso, estas duas localidades as primeiras a aparecerem em documentos oficiais. Alguns mosteiros e conventos tinham por cá propriedades, como os de Chelas, São Vicente de Fora, Trindade e muitos outros, a respeito dos quais também tivemos oportunidade de fazer referência ao citarmos algumas escrituras e emprazamentos a várias pessoas destes lugares, pagando quem as agricultasse os devidos foros, ao ponto do mosteiro do Salvador chegar à demanda com alguns agricultores de Alfomelos.

Também, com base em alguns documentos da época, fizemos menção dos lugares existentes há alguns séculos: Alfomelos (1220); Alfragide (século XIV); Damaia (século XV); Falagueira (1220); Reboleira (1391), altura da sua doação ao mosteiro da Trindade por Gil Rebolo; Vinteira (Venteira); Burel (Borel); e a própria Estrada Real (rua Elias Garcia); Outeiro; Noudel; Mira; Venda Nova, Porcalhota; Buraca; Salgados, entre outros, para além de alguns pátios e vilas, resultantes da industrialização, de princípios deste século, a respeito dos quais já tivemos oportunidade de falar através destas páginas.

OCUPAÇÕES DOS PAROQUIANOS

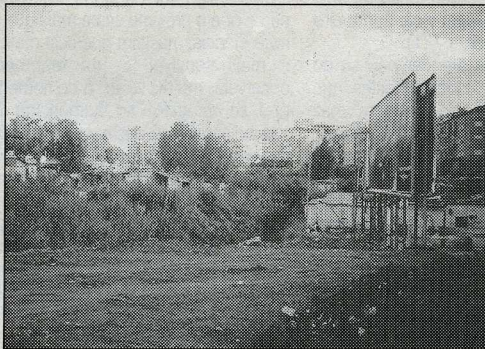
Por assentos da Irmandade do santíssimo Sacramento de Benfica ficámos com uma ideia das profissões aqui existentes: canteiros, carpinteiros, cabouqueiros, lavradores, moleiros, pedreiros, sangradores, sacristães, lavadeiras, padres, alfaiates, almocreves, entre outras. Mas também escravos a servirem em casas de fidalgos, como era o caso na Quinta do Bosque. Algumas daquelas profissões foram

utilizadas na construção do Aqueduto das Águas Livres, obra a rasgar, no século XVIII, uma boa parte dos lugares da localidade para deixarem passar o precioso líquido vindo de Carenque para matar a sede aos alfacinhas. Rompeu vários caminhos de terra batida e bons campos de trigo, deitando abaixo muros altos a ladearem azinhagas e a circundar matagais e riquezas de caça.

EFEMÉRIDES

Também temos vindo a referenciar efemérides importantes da localidade e os passos decisivos para a sua autonomia. Eleições renhidas entre Progressistas e Regeneradores. Os votos tinham lugar dentro da igreja de Benfica e o saloio vendia o seu voto a quem desse mais dinheiro por ele, isto no século XIX.

Amadora que foi saloia e rural, que sofreu ocupações industriais já no nosso século e nós teimamos em relembrar as suas origens. Voltaremos ao assunto.



Ribeira da Falagueira, um marco de sempre na Amadora.